

SAÚDE E ALEGRIA: UMA RELEITURA DOS DEPOIMENTOS DOS ALMANAQUES DE FARMÁCIA

MARIA DAS GRAÇAS SANDI MAGALHÃES (UNICAMP), MARIO LUIZ GOMES (NENHUMA), SILVANA GONÇALVES ALVIM DA COSTA (EE PROF^a. AYR PICANÇO B. DE ALMEIDA).

Resumo

Uma das estratégias de venda dos almanaques de farmácia, entre o final do século XIX e pelo menos até a década de 1960, consistia na publicação de depoimentos de leitores confirmando os benefícios do medicamento promovido pelos laboratórios, responsáveis, também, pela publicação e distribuição gratuita desse tipo de impresso. Normalmente escritos em um padrão culto e com estilo parecido, os depoimentos eram anualmente repetidos e/ou reformulados pelos editores. Entretanto, apesar dessa intervenção, os testemunhais, como eram chamados nos almanaques, são indícios importantes de apropriações de discursos e usos por uma parcela da população brasileira que pode ler os almanaques de farmácia regularmente por anos a fio. Em especial no que concerne à história da infância, a leitura desses depoimentos permite discutir padrões de robustez, doenças recorrentes, a relação fracasso escolar e fragilidade física, as relações entre farmacêuticos e laboratórios nas prescrições sobre os cuidados com a saúde das crianças, entre outros aspectos. Analisar a trajetória de Norma e Ruth, meninas de Santos Dumont, Minas Gerais, que na década de 1940 foram “garotas-propaganda” do tônico Capivarol, é um caminho, que, tomando como base os conceitos da micro-história e da história cultural, pretende identificar representações em torno da saúde e da educação da infância nesse período.

Palavras-chave:

Almanaques de Farmácia , Infância , Higiene.

Uma das estratégias de venda dos almanaques de farmácia, entre o final do século XIX e pelo menos a década de 1960, consistia na divulgação de depoimentos dos leitores avalizando os benefícios do medicamento promovido pelos laboratórios responsáveis pela publicação e distribuição gratuita desse tipo de impresso. Normalmente escritos em um padrão culto e com estilo semelhante, os depoimentos eram anualmente repetidos e/ou reformulados pelos editores. Entretanto, apesar dessa intervenção, os testemunhais, como eram chamados nos almanaques, são indícios importantes de apropriações de discursos e usos por uma parcela da população brasileira que pode ler os almanaques de farmácia regularmente por anos a fio.

Os testemunhos dos almanaques de farmácia

Os almanaques de farmácia brasileiros excederam sua função de propaganda, incorporando-se a um conjunto de materiais que divulgavam um discurso “civilizatório” durante a primeira metade do século XX. Dentro das questões propostas pela higienização e melhoria da raça, a puericultura assumiu um caráter de projeto médico-pedagógico (MARQUES, 2000), difundido no Brasil, tanto através do ensino da disciplina nas escolas de medicina e higiene, como nos panfletos dos órgãos de propaganda sanitária, nos almanaques e manuais pediátricos destinados ao público leigo. Podemos incluir nesse projeto também a higiene escolar (ROCHA, 2003).

A tarefa de implantar novos hábitos de higiene, saúde e beleza coube também aos "reclamistas" da primeira metade do século XX. Seus textos e imagens (especialmente a partir da década de 1930) vão introduzir não só as novas drogas científicas, mas novos padrões de comportamento, usos e costumes. Em busca de mercado para seus produtos industriais, a propaganda dos laboratórios arremete contra o modo de vida passado, sobrepondo-se às práticas artesanais de medicina caseira e desqualificando-as. Redatores e ilustradores passam a reproduzir o clima dinâmico de uma sociedade que se transforma rapidamente. Velocidade, agilidade, a vertigem e a força de aeroplanos e automóveis são temas e símbolos que sintetizam esse momento, e que sugestivamente se apresentarão cada vez mais em seus trabalhos.

A tradicional técnica dos testemunhos representou uma das formas promocionais mais utilizadas nos almanaques. Consistia na participação direta dos consumidores por meio de cartas enviadas aos laboratórios. Os depoimentos de cunho pessoal narravam - geralmente em linguagem exageradamente dramática - os percalços em busca do remédio ideal, terminando por enaltecer os efeitos alcançados com o uso (enfim) daquele determinado produto. Repassado página a página, o forte conteúdo emocional dos discursos incentivava os leitores identificados com a situação a tentarem também a mesma experiência. O volume recebido (e sempre citado) desses atestados funcionava como mais um elemento de estímulo agregado à sua propaganda.

Percebidas como força considerável de persuasão, as palavras de médicos, artistas populares e representantes da igreja católica compartilhavam estrategicamente os espaços publicitários nos almanaques. Reforçando as manifestações espontâneas do usuário comum, o prestígio e a credibilidade dessas fontes exerceriam influência decisiva no ato da escolha (GOMES, 2006).

Embora um dos objetivos desse texto seja refletir sobre as representações em torno da saúde infantil veiculadas nesse tipo de gênero textual, é preciso, em primeiro lugar questionar o processo de produção dos testemunhos divulgados pelos almanaques de farmácia de forma geral. A função desse gênero, presente na maioria dos almanaques do período era convencer o leitor da eficácia do medicamento, normalmente o principal produto divulgado pelo laboratório. Para comprovar a veracidade do depoimento muitos laboratórios, como o do *Tônico Capivarol*, forneciam os dados do registro em cartório, testemunhas e declarações dos médicos que atenderam os pacientes. Estratégias que procuravam aproximar o leitor, doente ou não, das experiências de outros leitores, concretizando com relatos do cotidiano as informações "científicas" divulgadas pelos editores e propagandistas do almanaque. Partindo da concepção do editor do que seria um depoimento convincente, alguns padrões se repetem em quase todos os testemunhais, em diferentes impressos desse tipo.

Geralmente, a estrutura desse gênero textual apresentava em primeiro lugar a situação de desespero ou desânimo frente às conseqüências da doença. Por vezes, mencionavam-se tentativas fracassadas de cura ou o fato de o doente estar "desenganado" pelos médicos. Nesse caso, trata-se de um elemento do texto que busca angariar a empatia do leitor, ou por vivenciar os mesmos sintomas ou por conhecer alguém que padeça do mesmo mal.

Um exemplo desse tipo de introdução pode ser encontrado no seguinte depoimento do *Almanaque do O Contratosse*:

Exmo. Sr. Director

Tenho a ventura de communicar a V.S. que estando minha filhinha Albertina Toledo de Miranda Cabral, soffrendo de uma pertinaz coqueluche, que zombava de todos os recursos médicos, causando-me momentos de desespero, receiando vel-a arrebatada pela terrível Átropos, succedeu que usando alguns frascos do **Contratosse**, vendidos pela Pharmacia Conceição, de Francisco Santos & Cia., deste município, readquiriu a sua primitiva saúde, tornando-se o enlevo que era de meu lar feliz. (1926, sem numeração de páginas).

Chamam a atenção a formalidade da saudação e o uso da norma culta, com expressões que remetem inclusive à Grécia Antiga[1], pouco compreensíveis a leitores das camadas mais populares, que tinham acesso ao almanaque, distribuído gratuitamente nas farmácias todos os anos. Nesse caso, o elemento que busca ganhar a atenção de leitores de diferentes camadas sociais é a descrição do sofrimento provocado por uma doença que não encontra cura e que não distingue posição social.

Um segundo aspecto, comum em inúmeros depoimentos, é a intervenção "salvadora" do medicamento, proposta por um especialista (médico, farmacêutico), por conhecidos ou fruto da leitura do próprio almanaque. No caso do testemunho já citado, destaca-se a intervenção do farmacêutico, forma de promover a farmácia que distribuía o medicamento e que, muito provavelmente, foi a responsável pelo envio do depoimento ao laboratório. Diferentes intenções para um mesmo texto: propaganda do laboratório; promoção da farmácia; possibilidade de saída do anonimato, mediante a publicação de depoimento, versão "ilustrada" de uma realidade bem mais difícil.

A título de comparação, solicitações a um farmacêutico da cidade de Ubatuba, no litoral paulista na década de 1940 produzem um contraste entre os depoimentos publicados pelos laboratórios e o tipo de texto que chegava aos farmacêuticos por meio de bilhetes, como o da "paciente" que solicita medicação para interromper a gravidez:

Seo filinho mando faze uma comsurta com o sinhô que eu estou com 4 dia de falta de regulamento estou sismdo que estou grave denovo então mando pidi o senhor que mande um remédio que seja propio para acaba com agravidesa que eu tenho o parto muito rruim [sic]. Alhem disso eu tenho 2 criança que não tem nem um ano ainda estão muito nova ainda [sic]. (OLIVEIRA, 1989, p.89)

Mesmo sem data, os vários bilhetes guardados pelo farmacêutico, publicados em livro de crônicas sobre essa farmácia tradicional de uma pequena cidade, demonstram a pouca familiaridade de uma boa parte da população com a escrita formal e ao mesmo tempo indicam que as orientações do farmacêutico substituíam o atendimento médico. Pedidos de *Instantina*, *Lisador*, *Elixir de Inhame* ou *Lacto-purga* surgem nas solicitações registradas pelo farmacêutico, resultado do sucesso que as estratégias dos laboratórios alcançaram.

As solicitações e depoimentos remetem a uma reflexão sobre a divulgação dos modelos de gêneros textuais para a escrita formal, recurso ainda recorrente nos dias de hoje. Para Maria Helena Câmara Bastos (2004),

a publicação de manuais e tratados epistolares permitiu, aos diferentes grupos sociais, a apropriação das formas e da linguagem do mundo letrado burguês, o que resultou na adoção de formas retóricas, de difícil compreensão, nas cartas privadas dirigidas aos

familiares, amigos e amantes. A adoção de um código de civilidade epistolar e de convenções de linguagem transforma as relações afetivas de âmbito privado em relações regradas pelo espaço público (p.10).

Esse código de civilidade citado pela autora pode também ser encontrado nos depoimentos dos almanaques de farmácia do período em questão, geralmente padronizados de acordo com as regras do "mundo letrado", distante de boa parte dos leitores desse tipo de impresso. No entanto, da mesma forma em que buscavam inculcar o uso de determinado produto, produziram testemunhos de doenças comuns, problemas de saúde endêmicos e relações familiares e do cotidiano de uma população que recém apropriava-se do medicamento industrializado.

A apropriação de modelos de escrita também é uma questão para a reflexão. Um dos bilhetes publicados na obra já citada do farmacêutico "Filhinho" de Ubatuba demonstra o conflito causado pelo uso da norma culta:

Snr Filinho

Minha espoza esta de cama, já passava uns dias do mês das regras ontem apareceu e parou quando a noite deceu novamente uns pedaço e agora parou outra vez de formas que ela esta com muita dor de cabeça e tonta sente o corpo fraco peço um bom remédio é para minha espoza. O portador é meu cunhado [sic].

No comentário, abaixo da reprodução do bilhete, o autor escreveu: "O marido relatando os incômodos da mulher. Achou conveniente corrigi-la e, por duas vezes, por sobre a palavra MULHER, grafou com energia: ESPOSA!" (OLIVEIRA, 1989, p.88). Além disso, o nome do farmacêutico, grafado inicialmente com letra minúscula, foi corrigido com um F maiúsculo. Apesar das dificuldades na escrita, advindas da baixa escolarização, a troca dos termos indica uma percepção dos padrões necessários à escrita pública, reforçados pelos testemunhos dos almanaques,

Em relação à infância destacam-se, como doenças citadas nos depoimentos estudados em diferentes almanaques, o raquitismo, a anemia, doenças gastrointestinais e respiratórias, como a coqueluche do exemplo já citado. Em geral, os textos tratam de duas etapas específicas da infância que mais ocuparam as publicações médicas na primeira metade do século XX: o primeiro ano de vida - em especial o lactente, e a criança em idade escolar (MAGALHAES, 2005).

Os diversos depoimentos de médicos sobre o uso de medicamentos infantis, que se combinavam aos depoimentos dos leitores dos almanaques, parecem indicar um caráter experimental para esse segmento da indústria, pelo menos até os anos de 1930. É o que talvez possa justificar a surpreendente recomendação de médicos conceituados a determinados remédios, muitas vezes usando o nome de instituições, como o da Faculdade de Medicina do distrito federal, ou do próprio IPAI (Instituto de Proteção e Assistência à Infância), como podemos ver na carta do Dr. Moncorvo Filho ao Laboratório Nutrotherapico:

Ilmos. Snrs. Dr. Raul Leite & C.

Rua Gonçalves Dias, 73

Acquiescendo ao pedido de VV.SS. para ensaiar em doentinhos soccorridos no Instituto de Protecção á Infancia do Rio de Janeiro o producto denominado LAXO-PURGATIVO INFANTIL, por VV.SS. enviado, cumpro o dever de communicar-lhes haver o alludido preparado sido empregado com o melhor resultado, nos casos em que houve indicação, parecendo tratar-se de um bom medicamento.

Rio de Janeiro, 14 de Novembro de 1921 - Dr. Moncorvo Filho.
(*Almanack do Laboratorio Nutrotherapico*, 1926, p.11).

A ausência do medicamento específico para as crianças era resolvida com a indicação de metade da dose recomendada aos adultos. Em geral, para a primeira infância, os testemunhos giravam em torno da alimentação dos bebês e da solução dos problemas gástricos. Já para a criança em idade escolar, resolver os problemas que provocavam o fracasso nos estudos se tornou uma das atribuições de diversos medicamentos anunciados nos almanaques. Podemos encontrar um exemplo no *Almanaque Guaraina* de 1940. O anúncio era precedido de ilustração, mostrando um aluno com orelhas de burro, ridicularizado pelos colegas:

A Casa do Suplício

Veja a tortura moral a que seu filho é submetido na escola por ser o último da classe. Entretanto, é uma criança que merecia melhor destino, pois se tem o cérebro fraco, o seu coração e sensibilidade são perfeitos e ele chora lágrimas de sangue por não poder acompanhar seus companheiros nos vivos progressos que fazem.

O atraso de seu filho nos estudos vem apenas de fraqueza geral que êle sente.

Dê-lhe "Calciovitamina". Faça do seu filho uma criança sadia, para a qual a escola não mais constitua como hoje, uma casa de suplício (p.13).

Da mesma maneira, a história de Juquinha, intitulada *O Último da Classe*, na edição de 1935 do *Almanak Cabeça do Leão* (p.10), recomendava em seu final a *Salsaparrilha do Dr. Ayer* capaz de transformar o menino, considerado a "vergonha da família", em "entusiasmado no estudo e decidido a conquistar, ponto a ponto, a melhor colocação na lista dos estudantes seus colegas".

Em especial no que concerne à história da infância, a leitura desses depoimentos permite discutir padrões de robustez, doenças recorrentes, a relação fracasso escolar e fragilidade física, as relações entre farmacêuticos e laboratórios nas prescrições sobre os cuidados com a saúde das crianças, entre outros aspectos.

Temas que demandam um estudo mais amplo que o espaço permitido por esse texto. Por essa razão, a escolha por analisar a trajetória de Norma e Ruth, meninas de Santos Dumont, Minas Gerais, que na década de 1940 foram "garotas-propaganda" do *Tônico Capivarol*, foi um caminho, que, tomando como base os conceitos da micro-história e da história cultural, permite identificar algumas representações em torno da saúde e da educação da infância nesse período.

Saúde e Alegria

O título do depoimento de meia página veiculado pelo *Almanaque Capivarol* em 1942, contrasta com a seriedade das fotos em preto e branco das meninas Ruth e Norma. A carta, assinada pelo pai, Armando Lauro Ferreira, foi registrada em cartório em primeiro de fevereiro de 1939, tendo como testemunhas S. Saléh, professor, e Victor Bittencourt dos Santos, juiz de paz:

Com toda satisfação declaro, em público, que minha filhinha Norma, hoje com 3 anos de idade, aos 2 anos estava tão fraca que, além de não andar, os seus movimentos eram fraquíssimos e, tendo usado 4 vidros do Capivarol, hoje se acha forte, já anda e possui maior força nas juntas.

Tenho também outra filhinha, Ruth, com 6 anos que, a exemplo de sua irmã, tomou 2 vidros desse preparado, obtendo ótimo resultado na cor, na força e na disposição para alimentar-se, assim como na alegria de brincar e saltar nos jardins.

Aconselhando o uso do Capivarol a todos os que sofram de fraqueza, autorizo a publicação desta, como prova de utilidade desse remédio e ofereço as fotografias anexas.

O destaque para a fraqueza e indisposição das meninas nesse depoimento e a reação após o uso do tônico corroboram a oposição entre a infância "degenerada", que defensores do higienismo e da eugenia desejavam apagar da memória nacional, e o ideal proposto pelos discursos médicos da época. A "alegria de brincar e saltar nos jardins" nos remete às representações que passam a veicular a infância com o brincar e o aprender. Princípios que se encontram também popularizados nos versos de Bastos Tigre (1940, sem numeração de páginas) sobre o jardim de infância:

A escola - jardim da infância ...

Nêle prolonga-se o lar.

Que suavíssima fragância,

De flores mil, a exalar![...]

Em vez de livros - brinquedos

Tesoura, papel de côr,

E a massa que treina os dedos

Na arte excelsa do escultor.

São questões que se colocam em relação à leitura desses depoimentos e a veiculação do modelo de infância saudável com a criança ativa, robusta e higienizada, extrapolando a intenção inicial de divulgação dos produtos do laboratório.

No exemplar de 1943 o depoimento se repete, com pequenas modificações e atualizando a idade das meninas. Ocupa toda a primeira contracapa, com as

mesmas fotos, em tamanho maior (anexo 1). A diferença está na inserção da declaração do médico Álvaro Vaz, que acompanha o testemunho:

Declaro que indiquei o Capivarol às filhas do Sr. Armando Lauro Ferreira, com grandes resultados e sempre tenho indicado em casos em que o mesmo é indicado pela sua feliz fórmula.

Santos Dumont, 27 de Fevereiro de 1942.

(Praça Cesário Alvim) - Dr. Álvaro Vaz.

(Firmas reconhecidas pelo tabelião Agenor do Amaral Fonseca, de Santos Dumont - Minas).

O recurso da declaração do médico serve como reforço da "cientificidade" do produto, que garantiria os resultados prometidos pelo rótulo do Capivarol, *elixir de extrato de óleo de capivara iodo-fosfatado*: "ótimo medicamento para tuberculose em 1º grau e todas as moléstias ocasionadas pelo depauperamento orgânico, escrófulas, raquitismo, reumatismo e sífilis, anemia, debilidade, moléstias nervosas, etc."

Novamente em 1945 o Laboratório Capivarol utilizou o depoimento, "desterrado" para a página 30 do almanaque, com o mesmo texto da edição de 1943 [2]. A repetição de depoimentos em edições seguidas não era incomum nos almanaques e, em especial no *Almanaque Capivarol*, a prática se justifica pelo destaque dado a esse tipo de seção, que trazia a foto do leitor e os registros em cartório, com os nomes das testemunhas. Não foi possível descobrir se havia algum tipo de benefício aos que concediam autorização para a publicação dos depoimentos, porém é provável que o esforço para reunir testemunhas e os trâmites demorados para o registro e reconhecimento de firmas em cartório não fossem motivados apenas pela gratidão ou pela distinção de ter a fotografia estampada em um impresso de circulação nacional. Da mesma forma, a inserção da declaração do médico três anos após o registro do depoimento paterno é um indício da intervenção dos representantes do Laboratório.

A pesquisa na cidade de Santos Dumont identificou a proximidade das residências da família Ferreira e do médico Álvaro Vaz [3]. As relações entre o médico e o laboratório não foram esclarecidas, mas em depoimentos de moradores antigos da cidade, constatou-se que sua permanência na cidade foi curta, em virtude de seu vínculo com o exército.

O Laboratório Capivarol Ltda. foi fundado em Juiz de Fora, cidade próxima a Santos Dumont. O almanaque homônimo era editado desde 1919. Embora anunciasse a nova sede no Rio de Janeiro na edição de 1932, percebe-se que boa parte dos depoimentos ainda eram de leitores mineiros (onze, de um total de quinze)[4]. São indícios que nos levam a indagar sobre a atuação dos representantes do laboratório em relação a médicos e farmacêuticos nas pequenas cidades do estado.

Diferentes das cartas mais recentes de leitores para os laboratórios, como as estudadas por Park (1999), em relação ao Laboratório Catarinense, os testemunhos parecem ser uma estratégia mais agressiva de propaganda desse setor, enquadrando situações e dramas ligados à saúde em moldes de vitalidade adquirida quase que por milagre.

Considerações Finais

Buscar dados sobre a trajetória das duas garotas-propaganda do *Tônico Capivarol* tem como intenção introduzir elementos de descontinuidade na versão idealizada desses depoimentos. Até que ponto a exposição pública teria influenciado o cotidiano das duas crianças? Segundo entrevistas com contemporâneos das duas meninas, Ruth e Norma continuaram franzinas durante a adolescência e juventude, embora se destacassem nos estudos. Conforme informações obtidas em certidão do Cartório de Imóveis da Comarca de Santos Dumont, as duas filhas de Armando Lauro Ferreira permaneceram solteiras. Norma, nos registros de 1989, aparece como contadora e Ruth como médica, tendo trabalhado na Santa Casa de Misericórdia de Juiz de Fora, segundo dados obtidos nas entrevistas realizadas na cidade de Santos Dumont [5]. Trajetórias diferenciadas do papel atribuído normalmente às mulheres da década de 1950, época da juventude das duas protagonistas dessa história, mas que não permitem inferir outros dados relacionados à experiência com a propaganda do *Tônico Capivarol*. Entretanto, nos propõem novas questões em torno dos modelos de leitura e escrita e das representações sobre a infância brasileira na primeira metade do século XX.

Referências

Fontes

Almanaque Cabeção do Leão. Rio de Janeiro, 1935.

Almanaque Capivarol. Rio de Janeiro, 1928, 1932, 1942, 1943, 1945.

Almanaque de O Contratosse, Rio de Janeiro, 1926.

Almanaque do Laboratório Nutrotherapico. Rio de Janeiro, 1926.

Almanaque Guaraína. Rio de Janeiro, 1940.

Bibliografia

BASTOS, Maria Helena C. A retórica do amor. Um estudo de manuais epistolares (século XIX e XX). III Congresso Brasileiro de História da Educação. Educação Escolar em Perspectiva Histórica, Curitiba: SBHE, 2004. 1 CD-ROM.

GOMES, M. L. Vendendo saúde! Revisitando os antigos almanaques de farmácia. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 107-118. Out./Dez. 2006.

MAGALHÃES, Maria das Graças Sandi. *A infância nos almanaques de farmácia. 1920 a 1940*. 2005. 170 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade São Francisco, Itatiba - SP.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. *A medicalização da raça; médicos, educadores e discurso eugênico*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.

OLIVEIRA, Washington de. *A farmácia do Filho*. Ubatuba, [s.n.], 1989.

PARK, Margareth Brandini . *História e Leitura de Almanques no Brasil*. Campinas, SP: Mercado de Letras Editora; Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999.

ROCHA, Heloísa H.P. *A Higienização dos costumes: educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Hygiene de São Paulo (1918-1925)*. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2003.

TIGRE, Bastos e ACQUARONE, Francisco. *Meu Bebê Livro das Mamães*. 5 ed. Rio de Janeiro: Oscar Mano & Cia - Editores, 1940.

[1] Átropos, na mitologia grega, era uma das três parcas que cortava o fio da vida. Eram seus atributos: o quadrante solar, a balança e a tesoura. Disponível em <http://www.mithos.cys.com.br/28139.htm> - acesso em 13/07/2009.

[2] Não foi possível verificar o exemplar do ano de 1944.

[3] Conforme certidão do Cartório de Registro de Imóveis da comarca de Santos Dumont, MG, a casa de propriedade de Armando Lauro Ferreira se localizava na Praça Cesário Alvim, nº 65. O imóvel foi objeto de partilha entre a esposa, Maria Ferreira da Silva, e as filhas Ruth e Norma, em 10 de janeiro de 1989. Por essa mesma certidão pode-se averiguar que Norma Lauro Ferreira faleceu em Juiz de Fora em 26 de outubro de 1991, sendo que a propriedade passou para a irmã Ruth.

[4] A capa da edição de 1928 informava que o almanaque estava em seu nono ano de publicação. O exemplar de 1932 em editorial do proprietário, o farmacêutico Carlos Barbosa Leite, informava o novo endereço do laboratório, na Rua Barão de Itaipu, 17, no Rio de Janeiro e indicava que a edição fora feita em "rotogravura e colossal tiragem superior a 1 milhão ..." (p.1).

[5] Todas as entrevistas foram realizadas informalmente por Silvana Gonçalves Alvim da Costa em junho de 2009. As certidões mencionadas foram obtidas junto ao Registro de Imóveis da cidade em 04/06/2009.

SAÚDE E ALEGRIA

NORMA



RUTH



Com satisfação declaro que minha filha Norma, hoje com 6 anos de idade, aos dois anos esteve tão fraca que, além de não andar, os seus movimentos eram fraquíssimos e, tendo usado o Capivarol, a conselho de Dr. Alvaro Vaz, hoje se acha forte e anda com desembaraço. Também outra filhinha, Ruth, com 8 anos, que a exemplo de sua irmã, tomou 2 vidros desse preparado, obteve ótimo resultado na côr, na força e na disposição para alimentar-se. assim como na alegria de brincar e saltar nos jardins.

Autorizo a publicação desta e ofereço as fotografias anexas, como prova de gratidão.

(Ass.) Armando Lauro Ferreira

Praça Cesário Alvim.—SANTOS DUMONT—Minas, 27-2-1942.

CONFIRMAÇÃO: Declaro que indiquei o Capivarol às filhas do Sr. Armando Lauro Ferreira, com grandes resultados e sempre tenho indicado em casos em que o mesmo é indicado pela sua feliz fórmula. Santos Dumont, 27 de Fevereiro de 1942.

(Praça Cesário Alvim)—Dr. Alvaro Vaz

(Firmas reconhecidas pelo tabelião Agenor do Amaral Fonseca, de Santos Dumont—Minas)

Digestão difícil? PANDIGESTIVO!